

SIGNOS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE A REPRODUÇÃO DA CULTURA GAÚCHA EM UMA ESCOLA AGRÍCOLA DE PELOTAS/RS

SILVA, Cristiano Lemes da, VERGARA, Camile ¹; PEREIRA, Fabíola Mattos²

¹Universidade Federal de Pelotas; ²Instituto Federal Tecnológico Campus Pelotas Visconde de Graça.
lemessilva1982@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca relacionar os ofícios da lida de campo com a formação dos alunos de uma escola agrícola de Pelotas no Rio Grande do Sul, que reproduzem a cultura gaúcha a partir de saberes a respeito das lidas campeiras realizada na pecuária como, por exemplo, trançar o tento e laçar os animais

O trabalho também constitui parte do projeto INRC – Pecuária Bagé, demanda da prefeitura municipal de Bagé patrocinada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e atendida pela Universidade Federal de Pelotas por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia, o estudo consiste na documentação, a produção de conhecimento e o reconhecimento da pecuária como referência na construção da cultura gaúcha.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Esta fundamentada no método etnográfico. O campo é realizado a partir de observações etnográficas dos espaços públicos, entrevistas semi-estruturadas com estudantes e ex-alunos, mapeamento das imagens e fotos do exercício da lida. A análise dos dados também será subsidiada pela técnica de elaboração do diário de campo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fundado no início da década de 1920, o Patronato Agrícola Visconde da Graça tinha como objetivo “qualificar mão-de-obra livre para o trabalho na agricultura e retirar dos centros urbanos os chamados desvalidos de sorte, os pobres órfãos e aqueles marginalizados que atrapalham para o bom desenvolvimento dos centros”. (VICENTE, 2010.p.60)

Neste sentido a Instituição escolar acaba por responsabilizar-se pela socialização e reprodução de normas de caráter familiar como a imposição de limites, regras e horários daqueles que por questões jurídicas se encontram sob a guarda da Instituição escolar.

Ao longo dos anos, a Instituição passou por algumas mudanças: sua primeira denominação foi Patronato Agrícola Visconde da Graça, de 1923 a 1934; Aprendizado Agrícola Visconde da Graça, de 1934 a 1946; Escola Agrotécnica Visconde da Graça, de 1946 a 1963; Colégio Agrotécnico Visconde da Graça, de 1964 a 1974 e Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça, no período de 1974 a 2010.

A partir de 2010, a Instituição mais uma vez passou por uma mudança estrutural sendo novamente renomeada e hoje se chama Instituto Federal

Tecnológico Sul Rio-Grandense Campus Pelotas Visconde da Graça, porém, será por muito tempo identificado pela comunidade pelotense e gaúcha como CAVG.

A paisagem do CAVG remete em muitos aspectos a geografia e a cultura do pampa gaúcho. Seus 201 hectares de área, utilizadas para diversas atividades que desenvolve em seus diferentes cursos técnicos, tecnológicos, licenciaturas e pós-graduação, demonstra a especificidade do conhecimento que deseja enfatizar, o das áreas do campo. Os cursos técnicos estão divididos em Agropecuária, Agroindústria, Vestuário e o mais recente técnico em Meio Ambiente, em todos eles, a perspectiva de relação com as práticas rurais está colocada e, sobretudo, no curso técnico em Agropecuária.

Nas dependências do CAVG a existência do CTG Rancho Grande torna ainda mais particular o contexto que se deseja observar. O espaço abriga alunos que reproduzem as mais diversas lidas do campo que proporcionam a inclusão de jovens ingressantes no universo da instituição escolar, em gaúchos trançadores de tentos, laçadores de animais, músicos e contadores de causos ao redor do CTG e nos mais diferentes espaços escolares inclusive na sala de aula.

No tocante as lidas de campo, reproduzidas pelos alunos, principalmente estudantes do curso de Agropecuária, é pertinente relacionar estes ofícios à pecuária extensiva no campo que teve origem a partir da caça do gado selvagem abandonado pelos jesuítas, onde o “gaúcho histórico” começa a se desenhar nos campos do pampa caçando o gado xucro, consumindo sua carne e utilizando o couro para confeccionar utensílios para a montaria como o laço.

Os alunos recém ingressantes são chamados de “patos” e recebem um número de matrícula que os identificará durante toda a sua trajetória na instituição. Os “patos” passam a se enturmar e logo absorvem os signos, práticas e representações produzidas pelos veteranos e começam a reproduzi-las, ao contrário, o aluno, de certa forma, é excluído do espaço social recém chagado. Observando os signos, práticas e representações, o calouro começa a reproduzir aquele ofício que mais se identificou, porém, com o tempo tende a dominar outras práticas.

Uma das práticas aprendidas pelos jovens é chamada de trançar o tento, que é a tira de couro cru e fino, essas tiras são reunidas paralelamente, então, passa-se a trançá-las onde é possível dar forma a laços que são utilizados pelos alunos para reproduzirem outra prática, laçar os animais, entretanto, ao invés de animais, os jovens improvisam, utilizando uma cabeça de gado presa a cavaletes de madeira, onde fica horas praticando o tiro de laço, uma forma de competição a cavalo característica do pampa gaúcho.

A música predominante na escola é a nativista, esse gênero musical tem como característica falar do amor pelas coisas campo, o cavalo e a mulher. Os alunos tocam gaita e violão no CTG Rancho Grande que é aconchegante, principalmente nos dias de frio, onde os jovens acendem a lareira, aquecem a água para o chimarrão, práticas que são reproduzidas mais ao entardecer, no fim do dia os alunos cantam contam causos que relembram e atualizam a história da lida campeira.

4 CONCLUSÃO

Considerando a formação histórica do pampa gaúcho, a característica geográfica peculiar com campos extensos e rasteiros, próprios para a atividade pastoril, a produção de gado e ovelhas, por exemplo, favoreceram para o

desenvolvimento da pecuária, e conseqüentemente a extensão dessa atividade resultou a formação de uma cultura campeira gaúcha.

5 REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BRUM, Ceres Karam. **“Esta terra tem dono”**: representações do passado missioneiro do Rio Grande do Sul. Editora UFSM. Santa Maria. 2006

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **Paisagens do Sul: Pareceres de Carlos Fernando de Moura Delphim sobre os bens patrimoniais do Rio Grande do Sul**. / Organizado por Ângelo Carlos Silveira Braghiolli. – Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: IPHAN: IPHAE, 2009.

LEAL, Ondina Fachel. Do etnografado ao etnografável: O “Sul” como área cultural. In: **HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS**, Porto Alegre, ano 3, n. 7, p. XXX, Nov. de 1997.

VICENTE, Magda de Abreu. **O Patronato Agrícola Visconde da Graça em Pelotas/RS (1923-1934): gênese e práticas educativas**. Dissertação.